

Fragilidade e formação: uma escrita

em cinza Página | 56

Carla Clauber da Silva¹⁵

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)

Silvia Sell Duarte Pillotto¹⁶

Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE)

Resumo

Este artigo inscreve-se no gênero ensaio, que apresenta características próprias, que por vezes não atendem às exigências de um texto acadêmico. Trata-se de uma escrita que se movimenta para pensar a formação de profissionais da educação atravessada pela experiência da fragilidade. Uma conversa a partir de uma relação de intimidade, de pensar a formação como ensaio: uma metáfora potente que pode trazer a possibilidade de criar outras paisagens no processo formativo da educação. Um percurso que encontra no método cartográfico a possibilidade de cartografar a fragilidade pelos seus afetamentos: a estranheza, a solidão e o esgotamento. A pesquisa avança em uma escrita reflexiva que, em seu movimento, cria novos problemas, entre eles o de entrelaçar pesquisador e pesquisa em um exercício do pensamento, um pesquisar pesquisando-se. Experiência da formação que singulariza, que escuta, que conversa, que acontece como surpresa. Os teóricos que povoam o caminho/ensaio percorrido neste artigo foram Agamben, Beckett, Skliar, Deleuze, Guattari, Larrosa, além de alguns autores da literatura, como Guimarães Rosa e Ítalo Calvino.

Palavras-chave

Formação. Cartografia. Fragilidade.

¹⁵ Graduação em Pedagogia pela Associação Catarinense de Ensino (1990), Mestrado em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (2003) e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2015). Atualmente é professora da Prefeitura Municipal de Joinville.

¹⁶ Pós-Doutora pelo Instituto Estudos da Criança – IEC na Universidade do MINHO - UMINHO, Braga/Portugal em 2007/2008. Mestre em Educação (Currículo) pela Universidade Federal do Paraná – UFPR (1997). Especialista em Fundamentos Estéticos para a Arte na Educação pela Faculdade de Artes do Paraná (1992). Graduada em Educação Artística pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – UDESC (1983). Professora titular nos cursos de Artes Visuais e Pedagogia na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE e no Programa de Pós-Graduação em Educação; Pesquisadora e Coordenadora de Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE.

Cartografia do outro em mim

A finalidade deste ensaio é problematizar um acontecimento, que se desdobrou na experiência da fragilidade. Uma possibilidade de pensar a formação de profissionais da educação de outro modo. Ao narrá-lo, a escrita entrega-se ao corpo, aos detalhes, onde é possível experimentar a fragilidade.

Enquanto cartografamos a experiência da fragilidade relatamos¹⁷ alguns fragmentos da formadora, que também é uma das autoras do presente artigo. Nesse instante somos tomadas pela intensidade do instante, apostando na vida ou, parafraseando Lispector (1973), muita coisa não poderemos contar. Não seremos autobiográficas. Queremos ser bio, vida, que para Deleuze (1991, p. 9) fica mais interessante quando se consegue residir onde não há mais memória:

Se quiserem aplicar a mim os critérios bibliografia-biografia, vejo que escrevi meu primeiro livro bem cedo, e depois mais nada durante oito anos. [...] É como um buraco na minha vida, um buraco de oito anos. É isto que me parece interessante nas vidas, os buracos que elas comportam, as lacunas [...]. É talvez nesses buracos que se faz o movimento. [...] Talvez não se mexendo demais, não falando demais: evitar os falsos movimentos, residir onde não há mais memória.

Por meio da leitura dos registros da formadora, faremos uma viagem adentrando o espaço da ficção, que não tem como princípio desvelar uma realidade, mas que, Sarlo (2008, p. 156) afirma, propõe um “regime autônomo de relações na trama do relato” e conta-nos sobre o mundo “não como representação, mas por contradição e divergência”, movimentos que intersectam ficção e realidade, dando a ver o conflito de ambas. São possibilidades de existir encontradas nas linhas de fuga e que instituem um novo estilo: “São estilos de vida, sempre implicados, que nos constituem de um jeito ou de outro [...]. Há nisso uma ética, há também um estilo de vida, de nenhum modo algo pessoal, mas a invenção de uma existência” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 26) que não se prende à representação, não busca conceituar, distinguir, comparar, ordenar. Contudo, por enquanto, segue perguntando.

Trazemos um relato que registra os rastros de um acontecimento, exercício de dupla face que gruda em nós, afetando-nos pelo lado inverso. Movimento de exteriorização que dá a possibilidade de contá-la, ouvindo a fragilidade a partir de suas intermitências de

¹⁷ Os fragmentos citados são registros da formadora realizados durante uma formação feita em 2012 sobre a temática leitura nos anos iniciais, com uma carga horária de 40 horas.

vida. Os registros são como *hypomnemata*¹⁸, exercício de dupla face que nos afeta pelo lado inverso:

Saí cedo. Sabia que a viagem seria de esperas. Era inverno e ansiava pelo calor do Acre, e aquele céu azul era quase uma saudade. Mas, antes de chegar, era preciso continuar aquecida. Nunca esquecia de levar a manta que me protegia daquele frio do avião, frio que espantava meu sono, que seria por demais precioso, já que era uma viagem feita de esperas. A distância era sentida pelo calor que pouco a pouco aquecia de forma natural meu corpo, sinal de que me distanciava do frio e do céu cinzento de minha cidade. Quando cheguei, uma noite estrelada esperava-me. Mal sabia que em pouco tempo seria agarrada por sua intensidade. Por ora, preocupava-me somente com a hora marcada: um grupo de coordenadores de cada município que compunha o estado do Acre. Nesse encontro o tema era ler para aprender a ler melhor. Aprender a ler com o grupo com o qual já havia trabalhado juntos no ano anterior, mas não posso dizer que éramos um grupo de conhecidos, pois a cada período em que estávamos juntos sempre havia coordenadores novos. Entretanto os dilemas da profissão e as condições vividas pelo processo de ensino em nosso país tornavam-nos, rapidamente, velhos conhecidos, impedindo a presença da novidade. Mesmo assim, perguntas inquietantes emanavam daqui e dali, dando a impressão de que nos víamos pela primeira vez. No segundo dia de formação, eu fazia uma exposição sobre o vídeo de uma aula de leitura com alunos do 2.º ano do Ensino Fundamental. Dizia que a experiência da leitura com os alunos se dá no espaço de uma brincadeira de adivinhar e que, quando nos envolvemos nessa brincadeira com as crianças, também nos divertimos. Nesse momento fui atravessada pelas palavras de uma formadora, palavras que ainda ressoam em mim: “Essa atividade que você propõe para que seja desenvolvida com nossos alunos é impossível! Isso é aula para se dar nas universidades, e não para nossos alunos. Eles não conseguem fazer isso!”. Não sei por quanto tempo essas palavras reverberaram em mim; sei que, depois de cinco dias, voltei para Joinville. Reencontrei o céu cinzento, o frio atravessando minhas roupas e atingindo meu corpo. Vi pela primeira vez dois pares de olhos sorrindo para mim, os mesmos que deixei quando parti. Algo acontecera¹⁹.

Neste ensaio a escrita que desdobra as problematizações como se percorresse um trajeto com destino impossível. Escrita que tenta resistir à ordem, ao peso da pedagogia de ter sempre de solucionar. Escrita que foge, escapa, como se fosse sua única proteção, pois percebe que a formação é uma tenda fina e frágil, feita de papel e na qual não é possível estar sem viver seus efeitos.

Estranhamento: um fio que se (des)faz

Às vezes prepara-se uma formação como se prepara um pacote turístico em que estão incluídos todos os serviços. Seguir o roteiro, traçar um percurso, antecipar os imprevistos parece ser crucial:

¹⁸ Michel Foucault (2000) define as *hypomnemata* como cadernos pessoais, que não devem ser concebidos enquanto auxiliar da memória, mas um material para exercitar-se: ler, reler, meditar, entreter-se a sós ou com os outros.

¹⁹ Fragmento do registro de formação.

O que vamos levar? Precisamos preparar os textos de leitura para deleite. Pode deixar, tenho muitos livros! Uma de nós comentou. E os momentos de escrita, como vão funcionar? Outra questionou. Precisamos garantir momentos para que os coordenadores possam ler e compartilhar os próprios registros. Você leva a máquina fotográfica. Ah! Tenho várias folhas coloridas. Vamos levar para poder escrever as reflexões? E a avaliação? Vai dar tempo? E o conteúdo? Como vamos trabalhar todas as expectativas? Precisamos calcular o tempo de cada atividade. E se sobrar tempo? Vamos preparar outras atividades, caso isso aconteça. Como podemos encaminhar essa discussão? Quais serão as respostas? E se? E se? E se?²⁰

São discursos que pouco a pouco despersonalizam o ser. Transformados, nem percebemos que somos controladas por palavras inventadas na inércia dos hábitos. Nossos sentidos estão entupidos de palavras que nos afirmam a obrigatoriedade de um só eu, uma visibilidade que impede a presença da poética, reforçando um pensamento cartesiano. Palavras que capturam a diferença. Um pesar ou, nas palavras de Skliar (2003, p. 15): “Preferimos mudar a educação – e mudá-la sempre – antes de perguntar-nos pela pergunta; preferimos ocupar-nos mais do ideal, como normal, que do grotesco, como humano. Preferimos fazer metástase educativa a cada momento”.

No entanto o acontecimento chega trazendo consigo a estranheza. Um sabotador que elimina os significados rompe com a objetividade das palavras, escurece a visibilidade. A estranheza está para a poesia, e não para a explicação. Ela afeta a potência do agir e do pensar, criando outros modos. Talvez isso aconteça por ser ela como a afecção: tem-se uma ideia. Isso, todavia, não reduz essa estranheza.

Passageira e frágil, a estranheza chega provocando sensações, faz o corpo latejar, produzindo uma escuta confusa, sensorial, que perturba o pensamento com a força de um problema, tomando-o para si. É quase impossível permanecer indiferente. A estranheza rompe com as fronteiras estabelecidas entre o eu e do outro. É como se vida e morte se movimentassem no acontecimento, instaurando uma batalha. Morre-se e vive-se, sem, no entanto, suplantar-se; a morte não exerce poder sobre a vida. Um desgarrar de velhos pensamentos, uma perda do sentimento de pertença.

O acontecimento chega interrompendo a autobiografia, expondo o corpo, a sua nudez. Ali onde se é tocado e atravessado, “ali onde um espinho tocou a carne e onde uma questão insiste em forma-de-ferida, ali é o lugar onde o ‘eu’ deve mergulhar e deixar-se desmanchar” (PESSANHA, 2009, p. 67), quebrar-se por dentro, opondo-se ao ordinário. É um chamamento de si. Há uma ruptura entre a palavra e a língua – “o gesto é, na sua essência,

²⁰ Registro da formação.

sempre gesto de não se entender na linguagem [...] que indica, antes de tudo, algo que se coloca na boca para impedir a palavra” (AGAMBEN, 2008, p. 13-14).

Um diálogo não dito, em que se joga, sentindo o efeito angustiante do vazio, em que se assume a responsabilidade de fazer algo sem nada saber, já que o acontecimento corta o destino e nos tornamos testemunha de nossas próprias vidas, como se estivesse em um grande sertão. Assim como o camelo, ao trotar para o deserto, apaga suas marcas enquanto trota, nosso caminhar enquanto escrevemos é nossa errância, dissolve nossa identidade. O caminho faz-se caminhando; faz-se do registro somente um suporte. O escrever desterritorializa, instaurando a solidão – o abandono de um território acerca da educação, do letramento, da formação, trazendo a leveza como um valor.

O acontecimento é algo que se faz apesar do sujeito que o experimenta, impondo-lhe aventurar-se consigo mesmo, sentindo as singularidades que se libertam sem controle. A experiência da fragilidade é vivida na clandestinidade. Um encontro inesperado com o outro: “Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros, e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu” (LISPECTOR, 1979, p. 20).

A estranheza é feita de fiapos, de não saberes impertinentes. Assim como os vagalumes não podem ser vistos na claridade dos grandes refletores, do mesmo modo a estranheza se evade diante dos convencimentos fabricados na linguagem para demarcar o lugar de cada um. Os não saberes contêm a potência do desconhecido, de luzes pulsantes, passageiras e discretas movimentando-se na escuridão da noite, como lampejos do desejo. A estranheza interroga a normatização da língua, em especial quando nega a experiência que cada um vive com sua própria linguagem.

Como luzes discretas, a estranheza passa diante de nós como uma miragem fugidia, discreta, frágil, lançando dúvida, suspensão, hesitação. É um dizer que se mostra como um gesto. Ela desnaturaliza as engrenagens discursivas que escolarizam e normatizam o letramento.

Pela estranheza, o pensamento faz-se inaugural, suspende a naturalização, rompe com o mundo da representação, dando-nos a ver a ver outras faces, esse é o desafio constante na formação. Estilhaçar o outro, restituindo-lhe seu mistério. Perceber que, por mais que tudo se veja, não se oculta o escondido; por mais que tudo se diga, não se cala o silêncio, porque a estranheza está no mais e mais despercebido.

Da solidão: um sopro do outro

O olho que o relógio vê não é o mesmo capturado pelo olhar. As mãos a guardar a mala não são as mesmas habitadas pela pele e não são as mesmas desejadas pelo olhar. Um campo de forças que cria um espaço existencial por movimentos de desterritorialização. Ao contrário do solitário, não se vive sozinho na solidão, mas somos tomados pela intensidade, vivendo-a. Uma vontade de ficar a sós, de se deixar por esses muitos que habitam o espaço vazio, e que requer um gesto de interrupção no qual o “sujeito da experiência é um ser que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (LARROSA, 2004, p. 160). O efeito do pensamento é o exílio. Nele se vive uma temporalidade outra: a do instante, como se caminhasse nu em uma corda bamba, já que a solidão nos chama para fora de nós mesmos.

Depois da fala da coordenadora, o silêncio chegou como se fosse escuridão, causando desconforto pela falta de espaço, enquanto lá fora a brisa da tarde desenhava a noite e anunciava que o dia acabara. O relógio, que passara o dia despercebido, tomava agora lugar de destaque. Os murmúrios cessaram, e a conversa deu-se pelo corpo. Materiais foram guardados como algo proibido, cumprindo uma ordem sem saber se era do novo visitante ou daquele que procura controlar o tempo das pessoas. Uma confusão silenciosa instaurava-se sobre quem deveria ser obedecido ou se o melhor seria organizar uma rebelião.

As coordenadoras guardavam os materiais como quem prepara uma viagem, selecionando o que valeria a pena levar. De repente, uma voz perguntou: *“Posso deixar meu material aqui? Eu e minhas amigas queremos passear pela cidade. Fazer compras carregando esse peso fica difícil”*.

Uma das organizadoras da formação disse que não havia problemas e que as formadoras também poderiam deixar seus materiais ali. Então acenamos com a cabeça, consentindo, sentando-nos, como se achássemos impossível descarregar todo o peso. Enquanto sentávamos, era como se nossa pele soltasse de seu corpo. Nossa fala velozmente foi substituída pelas mãos que separavam algumas cartas recebidas; achamos prudente levá-las para o hotel. Tínhamos a sensação de um hóspede extrapolando o lugar. Sentimos que a casa – espaço de intimidade – estava distante demais de nós. A saudade então surgiu²¹.

Uma presença que vive a criar *gestus*, que Deleuze (1990) chama de vínculo ou o enlace das atitudes entre si, sem guardar dependência de uma história anterior, ou de uma intriga preexistente ou uma imagem-ação porque o *gestus* é antes “o desenvolvimento das

²¹ Fragmento de registro escrito.

atitudes nelas próprias e, nessa qualidade, efetua uma teatralização direta dos corpos, com frequência bem discreta, já que se faz independentemente de qualquer papel” (DELEUZE, 1990, p. 231).

É um movimento involuntário e difere do fazer. Nele nada se produz, não se visa a um fim, a uma finalidade; é antes um meio. O gesto não transmite algo nem tampouco informa. Trata-se de um dizer que se mostra, “algo que se coloca na boca para impedir a palavra, e também a improvisação do ator para superar uma falha de memória ou uma impossibilidade de falar” (AGAMBEN, 2008, p. 13-14).

Na solidão, desaprende-se o que não se entra pela porta, mas pela dobra que nos puxa para além. Corre-se para o fim do mundo, como uma estrela em constelação aberta, sempre em trânsito, distanciando-se cada vez mais e mais dos excessos. Um caminhar que especula os afetos em uma poética que torna possível apalpar o impalpável.

Quando voltamos para pensar a formação enquanto escrevemos, sentimos de imediato a presença do silêncio e de nossos desastres, provocando desconforto. Nem sempre se tem a dimensão de que tanta gente está presente em uma formação: silenciada, amarrada, impedida de viver sem condições. As formações nos municípios viviam tempos difíceis, registra a formadora em seu caderno. Nem todos conseguiam se encontrar periodicamente com seus professores, diziam as coordenadoras: “*Muitos professores trabalham o dia inteiro e à noite fazem faculdade*”, “*Alguns professores trabalham em escolas muito distantes e não há como participar*”, “*Os professores reclamam que é muita formação: Profmat [Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional], Formação de Língua Portuguesa, formação que acontece entre os coordenadores e os professores*”.

O grupo começou a narrar o tempo com os professores: “*Além das formações, temos de ir às escolas*”, “*No meu município nos reunimos à noite para planejar com os professores, pois estamos com falta de coordenadores*”, “*Vou na escola tomar a leitura dos alunos*”?²².

Oferecer um tempo ao outro é diferente de impor-lhe um tempo. Planejar um encontro não é o mesmo que traçar um roteiro. Perguntas colocam-nos em movimento, são devires minoritários que interrompem o já dado, provocam o pensamento quando não direcionadas às explicações. Perguntas abrem brechas para a entrada de um novo modo de pensar a formação, talvez não como um plano carregado de finalidades, mas como um plano de imanência que orienta sem enjaular.

²² Fragmento do registro da formadora.

Não sabemos descrever o que aconteceu, mas a aproximação da formadora com aquelas pessoas ocorria na travessia, na falta de algo que não sustentava mais a sua imagem. Um vazio que se abria a pequenas liberdades, criando condições sem prever, como o artista que sabe improvisar quando vive a dissonância no embalo de sua solidão.

Na superfície da pele vivem-se as tensões que nunca cessam. Elas mudam: ora diminuem, ora avançam, ora aumentam. Elas estão sempre ali, como um contraste de cores; ora alegres, ora tristes, ora quentes, ora frias, mas sempre em jogo. Talvez sentir a superfície das perguntas silenciadas em uma formação seja um desafio possível, quando se escuta.

O esgotamento: o desenlace de uma história

A formadora estava animada com o momento: falar de leitura. Sentia que as palavras fluíam com naturalidade, sua autoconfiança não cabia em si quando foi interrompida: *“Essa atividade que você propõe para que seja desenvolvida com nossos alunos é impossível!”*. Fixou seu olhar, demonstrando atenção, convencendo a coordenadora de que suas palavras expressavam uma reflexão profunda e incentivando-a a prosseguir: *“Isso é aula para se dar nas universidades”*. Sentou-se, procurando conforto, disfarçando o cansaço em segurar as palavras arremessadas a ela: *“E não para os nossos alunos”*. Cala-se e dirige o olhar para o grupo. *“Eles não conseguem fazer isso”*. O silêncio entra na sala.

Para continuar essa história é preciso fechar os olhos. Habitar na passagem que dobra e a mesma cena se refaz. *“Essa atividade que você propõe para que seja desenvolvida com nossos alunos é impossível!”*. Parou, sentiu o peso de uma âncora contraindo seu corpo. A coordenadora continuou: *“Isso é aula para se dar nas universidades”*. Afundou-se lentamente na cadeira, parecendo que estava diminuindo, sentindo-se confusa. Então ela terminou: *“E não para os nossos alunos”*. O seu eu, retorcido, partia-se ao meio, incendiando-a, quando ela insistiu: *“Eles não conseguem fazer isso”*. Uma sensação de impotência substituiu o dever pela impossibilidade. Ela se tornava demais para si mesma, e a ilusão de ser inteira a abandonou. Partidas, estilhaçadas, habitava agora em muitas outras, cada qual caminhando com suas próprias pernas, em caminhos distintos, sem avisos nem indicações. Apenas com o sentimento de que não haveria mais retorno. Conectadas, teciam os nós que as mantinham suspensas.

A pergunta pelo “outro” apaga sua presença. Embrenha-se em discursos pedagogizantes para afirmar que, se o aluno não possui oportunidade de aprender o mundo

letrado, a escola deve oferecer-lhe isso; se o aluno não aprende é porque o professor não cria um sentido para a sua aprendizagem.

Discursos que se desmoronam. Isso porque existe muito mais no como se diz do que no que se diz. Ao considerarmos que a escola é capaz, por si só, de superar as desigualdades, corremos o sério risco de transformar problemas sociais, econômicos e culturais em subjetividades de professores e de coordenadores e assumir o lugar de redentora, o que pode trazer soluções/limitações que violentarão ainda mais esse universo, pois são dirigidas a um não sujeito.

A certeza de que a formação é o centro das transformações permanece muitas vezes inabalável. Com o tempo, vai se enquadrando, criando espacialidades. Há tanta necessidade de reformar, vira quase uma obsessão. Capturamos o que deveria ser ensinado, retirando propositalmente as vírgulas:

Reconhecer-se também como responsável por garantir uma educação de qualidade às crianças dos anos iniciais mobilizar nos coordenadores e em todos os que atuam direta ou indiretamente com os alunos a crença na capacidade de a criança aprender a ser um usuário da língua e de se relacionar conceber que refletir é um procedimento e que também precisa ser exercitado com os coordenadores e professores objetivo de aprendizagem que necessita ser assegurado aos alunos também deve ser desenvolvido com os adultos refletir sobre estratégias que façam com que professores e coordenadores partilhem da autoria de propostas entendendo a formação também como um processo de criação desenvolver o trabalho de formação dos coordenadores das escolas para que sejam cada vez mais capazes de organizar seu plano e sua rotina de trabalho exercer parceria com o professor e organizar o grupo de estudo como um dispositivo para o desenvolvimento profissional dos professores conceber a avaliação formativa como instrumento que dialoga com o ensino e com a aprendizagem considerar que o acompanhamento das salas dos anos iniciais necessita ser formativo e assim sendo criar com os coordenadores estratégias de acompanhamento que garantam de fato o direito de as crianças aprenderem cada vez mais e melhor identificar a importância do diagnóstico de aprendizagem dos alunos com relação à alfabetização para que simultaneamente possa subsidiar e ajustar suas ações de acompanhamento planejar e desenvolver com os coordenadores intervenções adequadas buscando ao considerar as crenças que têm as professoras (sobre alfabetização, sobre como é que se aprende, sobre como é que se ensina) possibilitar a ampliação do repertório de conhecimentos essenciais para que desenvolvam um trabalho de qualidade com as crianças das classes de ciclo inicial provocar no grupo de coordenadores a possibilidade de analisar os princípios que fundamentam as propostas de atividades sobre o sistema alfabético²³.

Cansaço. Projeção. Ato deformativo que procura dar forma ao outro, carregando nosso peso. Um jeito de receber o outro que é sempre da ordem das condições. Mas não é suficiente dar a ver a lógica subjacente aos discursos que mantêm a centralidade, ainda que isso seja importante. Nem tampouco compreender como se é engendrado em tais discursos,

²³ Fragmento da pauta da formação.

ainda que tal fato seja interessante. O que importa é continuar perguntando, produzindo outros nós que nos permitam reinventar-nos.

Afetadas pelo esgotamento, fatigadas pelos discursos, inspiradas pelo ensaio que Deleuze (1999) faz da obra de Beckett, *O esgotado*, assim ficamos nós, impossibilitadas de propor algo. Uma condição na qual não se pode realizar nada, ainda que algo se faça. Há uma renúncia a qualquer ato de representação ou de significação. Trata-se de uma condição em que tanto o objeto como o sujeito estão esgotados, o que torna possível abolir o real. Um efeito que recai na limitação da linguagem, uma vez que o possível não possui mais nomes. A saída é criar uma metalinguagem. Nela, as relações entre os objetos e as palavras são idênticas e elas não são capazes de propiciar nada; ao contrário, devolvem ao possível sua própria natureza inesgotável.

Talvez seja por isso que atravessadas pelas palavras que escrevemos o silêncio nos chega amorosamente como se acolhesse o assombro, esgotando-se. É um possível que faz ouvir as vozes de uma provisória realidade. Os outros são mundos possíveis aos quais as vozes conferem uma realidade sempre variável, conforme as forças que elas têm, e revogável, de acordo com o silêncio que elas fazem. Ora elas são fortes, ora fracas, até que elas se calam, em algum momento (de um silêncio de cansaço). Ora elas se separam e até mesmo se opõem, ora se confundem (DELEUZE, 1999, p. 237).

É um esgotamento da pedagogização da formação. Esgotamento como exaustão. Um fogo que se apaga, e nada mais se ilumina. Mas mesmo assim é preciso seguir, farejando o imaginável, o impensável, escavando a vida latente, experimentando. Aprende-se a varrer as cinzas, a abandonar-se, cuidando de si. Viver sem atrapalhar a morte; afinal, o saber demais enrijece. Viver o aprender na vida/morte, uma condição na qual não é possível realizar nada, ainda que algo se faça. Há uma renúncia no ato de significar algo. Desapodera-se.

Uma escrita em cinza

A fragilidade é a experiência do não saber. Uma impossibilidade de ver e de dizer porque não se sabe quem vê ou diz, nem ao menos o que se vê ou diz: a vida desprende-se, e não se sabe por onde ir. Chega. Padece. Não anda só, traz consigo os tremores: a estranheza, a desconfiança, a incerteza, a solidão, o cansaço, o esgotamento.

A nudez delicada da fragilidade denuncia a intimidade do corpo exposto, espalhando-se. Passa-se um tempo calada, sem nada dizer, não por querer, mas por não poder. Não é indiferença, mas um afetamento que se vive diante das perplexidades quando se pensa

em formação de profissionais, quando se vive a impotência de não ter a solução, de se perceber fracassando.

Apostar na presença, no movimento da vida, no ensaio que ensaia a si próprio, criando novas paisagens, trazendo consigo possibilidades de inaugurar algo novo. Afinal, o que mais se pode fazer? A fragilidade não se explica nem se ensina. Reverbera, vaza pelos poros, como as lavas de um vulcão. Queimando... encena. Ela não é mapa, já que o fim não está traçado. Não precisa de respostas; seu viver está nas perguntas, dispensando as explicações. O tempo da revelação é subtraído, e não se pode oferecer cor ao mistério. Uma escrita em cinza, “para começar, sendo o que é, podendo o que pode, fingir de claro e de escuro, podendo se esvaziar deste, daquele, para não ser mais um que o outro. Mas talvez eu teça sobre o cinza, no cinza, ilusões” (BECKETT, 2009, p. 41).

Uma sensação de finitude põe em movimento a escrita, porque a formação, ao contrário do que se diz sobre sua seguridade, é como uma tenda: fina, frágil, feita de papel, pois a experiência da fragilidade não tem nada a ver com a produção de dogmas dos quais vivem os urradores que se alimentam da pedagogia e a engordam. Urradores que farejam a mesmice, revestindo-a com outras roupas, formando uma legião de seguidores famintos.

Não é indiferença, e sim paixão. Não se vive o mundo fora da caverna, porém em presença, aprisionado, quando se vive o desapoderamento. Experimentar a impossibilidade com a responsabilidade de continuar, pois se ama. Seguir sem a ambição de preencher o vazio, sem a pretensão de se encher de informações. Viver a gratuidade dos acontecimentos, sentir as perplexidades sem decifrá-las. Deixar exteriorizar o que não se pode, o que não se sabe; ouvir o que não se fala, o que não se sabe falar; experimentar o que não se sente.

A fragilidade reside na pele e não carece de nada. Exposta em seu mais profundo, vive os efeitos, invade os acontecimentos, subjetivação que se dá no contato (in)tenso com os corpos. Não há mistura, apenas exposição de outras intimidades desterritorializando o exterior. Isso se dá porque a experiência é da dimensão da vida, e a formação que se experimenta é para cada um singular e inseparável do sujeito que a vive.

Formação atravessada por gestos, ensaiando-se a si mesma. Um espaço em que só se pode voltar para si, não em ato de isolamento, mas como uma relação íntima com o mundo, em primeira pessoa do singular, renunciando ao ideal de certeza, da representação, vivendo a desolação por si mesmo, pondo-se à prova, experimentando-se.

Continuar? Propor? Consertar? Sugerir? Responder? Apontar caminhos para os processos de formação? Não. Talvez mover-se procurando outro lugar, acolher sua impossibilidade captando forças, vivendo suas perplexidades, como algo imprevisto,

impossível de antecipar, não se consegue ignorar pela potência com que faz vibrar, que lhe força a movimentar-se sem garantias.

Escrever sobre formação é percorrer um caminho que não se define por suas possibilidades, mas pelo fracasso de não poder escolher caminho nenhum. Andar de pés descalços em um campo minado, vivendo o desassossego, em solidão com o mundo. Sensível aos que habitam a formação, inquieto com a fragilidade que se reverbera com a presença da vida. O que a formação quer de nós? Uma ausência, como nos conta Lispector (1993, p. 78-79): “Só uma pessoa muito delicada pode entrar no quarto vazio onde há um espelho vazio”.

O que quer a formação de nós? Talvez fazer encenações, escapando da capacidade de compreensão, trilhando o caminho da formação para recolher imagens que se fazem durante o deslocamento. Caminhar repetidamente perturbando aquele que caminha. Marcar o caminho até que a experiência torne visível a própria existência.

(In)Conclusões – efeitos

Efeitos não são a produção de uma escrita pela qual se pretende concluir o ensaio, tampouco anunciar descobertas ou indicar novos caminhos para refletir sobre a formação, uma vez que os efeitos não podem ser mensurados. Sabe-se da impossibilidade de contar como se ensaiam modos de existência.

A experiência da fragilidade é vivida por um corpo no qual é possível criar novas paisagens. Efeitos que não ficaram à margem da formação com as coordenadoras, mas foram atravessando o ensaio dessa escrita. Viver a formação com as coordenadoras como encontro e a escrita como um acontecimento.

Singular, poético, um modo de ver pela primeira vez. Experiência singular, única, que, afetada pelo esgotamento, toca essa escrita, inventando-a. Uma escrita que farejou os efeitos da fragilidade, esvaziando a formação de sua presença, desconstruindo-a, sem destruí-la, porque “não é a de uma autodestruição que já estivesse desde o início destinada a ocorrer, mas, antes, o que a princípio pode parecer paradoxal, a de uma afirmatividade que se abre ao infinito” (DUQUE-ESTRADA, 2006, p. 34).

No encontro com as coordenadoras, pelos registros, experimentamos a singularidade. Ao nos pôr em escuta do ensaio que se ensaiou, propomos uma conversa com a formação não buscando um futuro ideal nem mergulhar em um derrotismo, em um beco sem saída, porque não se ocupa de verdades estabelecidas, mas desconfia delas porque percebe seu

dispositivo de generalização perante a vida que diz pouco ou quase nada sobre o que se vive na vida que atravessa o processo formativo.

São verdades que ocultam a veracidade do que se vive. Verdades que objetivam a vida que se vive em uma racionalidade técnico-científica. Verdades que transformam os efeitos, as sensações, a subjetividade em certo ou errado, contratos, estatutos, em sim ou não, isto ou aquilo, deve ou não se deve, arte ou ciência, tese ou gênero literário. Verdades solidificadas muitas vezes impedem o ensaio, a conversa, pois nesse território uma palavra ecoa não em sua sonoridade singular, e sim em um tom produzido num território atravessado por relações de poder. Uma palavra que escapou de um sigilo, de um segredo, uma sensação que se fez no ensaio do pensamento imediatamente é atacada antes mesmo de ser ouvida, antes mesmo de ser experimentada, tocada.

Refletir sobre a formação a partir da Experiência da Fragilidade pode abrir uma escuta ao estranhamento, à impossibilidade, à incompletude, ao cansaço, às contingências do dia a dia. Pode permitir uma conversa com os efeitos, não ter de silenciar as dores, as incertezas; poder ficar suficientemente a sós em um cotidiano que se infesta de informações; conversar quando se está cansado das mesmas coisas, todo dia sempre o mesmo; conversar com os estranhamentos, com a indignação do que se está sentindo consigo mesmo, com a formação, com a pedagogia; conversar diante dos efeitos que se sente afunilando o espaço da formação; parar e conversar quando se sente impotente diante do aprender, do ensinar; sentir e pensar: Por que já não há mais tempo para nada além do mesmo?

Pensamos que a Experiência da Fragilidade acontece naquele momento da dúvida, da inquietude, do desconforto, do descuido, de um riso fora de hora, de um olhar que se perde, de uma memória perdida, de um desabafo, de uma expressão de indignação, de um olhar cabisbaixo, de um sorriso sem graça, de uma coceira inconveniente, um bocejo fora de hora. Uma atmosfera delicada paira no ar. Uma escolha na qual se prefere demorar um pouco nas coisinhas pequenas. Um momento de divagar na incerteza, na falta, na tensão, nos efeitos, para então prová-los, cada um ao seu modo, em vez de fugir do desconforto que o estranhamento provoca e às vezes causa até certo horror de não suportar a espera e lançar, sem pestanejar, as palavras em territórios já conhecidos, enclausurando-as em discursos que são sempre da ordem da mesmice, entrar em um debate sem sentido para verificar quem está certo ou errado. Talvez seja a partir dessa demora que se possa criar, ser diferente, nem melhor nem pior. Talvez nesse momento em que os efeitos se misturam com outras sensações é que as palavras podem ser reinventadas, que a formação pode ser outra.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. Notas sobre o gesto. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 4, p. 9-16, jan. 2008.

BARTHES, Roland. **Como viver junto**: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.

BECKETT, Samuel. **O inominável**. Tradução de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2009.

_____. **O silêncio possível**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 1992.

_____. **L'Épuisé**. Paris: Minuit, 1999. Disponível em:
<<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/esgotadoalexandre.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2015.

_____. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. Signos e acontecimentos. Entrevista realizada por Raymond Bellour e François Ewald. In: ESCOBAR, Carlos Enrique de (Org.). **Dossier Deleuze**. Rio de Janeiro: Holon, 1991. Disponível em:
<https://www.academia.edu/3841090/dossier_deleuze_carlos_henrique_de_escobar_Republicanos_UERJ>.

_____; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: 34, 1992.

_____; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução de Consuelo Salomé. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Alteridade, violência e justiça: trilhas da desconstrução. In: _____. **Desconstrução e ética**: ecos de Jacques Derrida. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. **O que é um autor**. 4. ed. Porto, 2000.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 20047.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

_____. **Para não esquecer**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1979.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 122 p.

PESSANHA, Juliano G. **Instabilidade perpétua**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SANTOS, Thiago A. de O. **A coisa e o olho**: uma abordagem da direção de atores no teatro de Samuel Beckett. Dissertação (Mestrado)—Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.

SARLO, Beatriz. **Jorge Luís Borges**: um escritor na periferia. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VICENTINI, Daniela. Waltercio Caldas: pensar arte, acordar lugares. **Concinnitas**, ano 7, v. 1, n. 9, jul. 2006.

FRAGILITY AND TRAINING

Abstract

Página | 71

This article falls within the essay genre, which has its own characteristics that do not always meet the requirements of an academic text. This is a script that leads one to envisage the training of professionals of education passing through the experience of fragility. A conversation from an intimate relationship, think of training as an essay: a powerful metaphor that can bring the possibility of creating other landscapes in the formative process of education. A path that finds in the mapping method the possibility of mapping the weakness through their feelings: strangeness, loneliness and exhaustion. The research advances in a reflexive writing that, in its movement, creates new problems, among them the one of interweaving researcher and research in an exercise of the thought, a researching itself. Experience the training which distinguishes, which listens, which converses, which comes as a surprise. Theorists who populate the path / essay covered in this article were Agamben, Beckett, Skliar, Deleuze, Guattari, Larrosa, as well as some literary authors such as, Guimarães Rosa and Ítalo Calvino.

Keywords

Training. Mapping. Fragility.

Recebido em: 31/03/2017

Aprovado em: 13/09/2017